

# #24

## FESTIVAIS DIGITAIS

COM **ROBERTA CARVALHO E AÍLA**

### **Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Roberta Carvalho e Aíla**

Eu sou Roberta Carvalho, artista visual e multimídia, desenvolvo trabalhos envolvendo vídeo, intervenção urbana, videoprojeção, realidades mistas, instalações, audiovisuais e projetos interativos. Sou cocriadora de dois festivais que acontecem na Amazônia, mais especialmente, em Belém do Pará, que é o Festival Amazônia Mapping, de macroprojeções no espaço urbano de cidades da Amazônia, relacionando questões, sons e imagens que perpassam por essa realidade amazônica, e o Festival M.A.N.A., que é de arte e feminismo, e debate o protagonismo da mulher nas artes.

Oi gente, aqui é Aíla, cantora e compositora de Belém do Pará, que, juntamente, com a Roberta Carvalho, idealizamos dois importantes eventos para o Pará, e que hoje reverberam demais toda essa arte que vem para a região, e debatem assuntos urgentes. Como a Roberta falou, o FAM - Festival Amazônia Mapping é um festival de intervenção urbana, criado em 2013, em Belém do Pará. Também, já aconteceu em Santarém, e esse ano vai ter uma edição muitíssimo especial, totalmente virtual, imersiva, com experiências únicas. E o Festival M.A.N.A., que é um festival de arte feminista, focado em música, que vai trazer, também, mulheres super importantes para essa nossa música brasileira. A gente está super feliz. Eu, particularmente, além de ser cantora e compositora, me animo demais em poder fazer curadoria e direção artística de projetos tão necessários para esse agora, que trazem temas que eu abordo na minha carreira, interseções que eu também faço, como música e imagem, feminismo. Acho que é isso, né? Nós somos múltiplas e podemos ser o que a gente quiser.

Com a pandemia, muitos projetos culturais tiveram que se reinventar, e estamos acompanhando diversos eventos e festivais que passaram para um formato totalmente online. Acredito que os principais desafios para se produzir um festival artístico online é conseguir fazer com que as pessoas sintam presença nesses festivais, nesses eventos. Elas sintam que, além de assistirem uma programação artística mediada por uma tela, o artista que está conectado com elas, que aquela

programação, que aquele conteúdo, de alguma forma, gera conexão, temporalidade, reconhecimento. Então, o principal desafio de se produzir um festival artístico online é, justamente, criar formas de imersão, de interação, no qual o conteúdo artístico, o fazer artístico, se conecte com as pessoas. E acredito que tenha vários caminhos para se chegar nisso. Desde pensar na relevância desses temas, na relação que tem com esse público, criar relações que tenham a ver com o nosso agora, com o nosso tempo. Acho que tem alguns caminhos que a gente pode pensar para criar essas formas de presença.

Pensar experiências no ambiente online que, de alguma forma, dialoguem as experiências vividas nos festivais presenciais, trazem para a gente algumas questões como, por exemplo, criar imersividade nas experiências virtuais, pela internet. Acredito que seja um caminho para a gente trazer essa sensação de presença. A sinestesia, os sentidos sendo explorados dentro das experiências artísticas, o 360, a realidade virtual, a realidade aumentada, todas essas experiências que misturam a realidade virtual com a realidade real. Ambos os festivais que a gente realiza, em parceria com a Oi, na Amazônia, no Pará, têm foco em determinada área artística, mas, de certa forma, são festivais de multilinguagens, no sentido de que trazem música, artemídia, performance, e isso é muito interessante neste momento de ambiente totalmente virtual, em que os festivais estão tendo que se colocar nesse ambiente para acontecerem. Acho que, cada vez mais, essas interseções trazem mais sensações para o público. A gente consegue interagir através de lives, com cenário multimídia, com 3D, e isso tem sido bem interessante nesse momento pandêmico, de estar em casa, de entender como a gente consegue transbordar, reverberar a arte, através da tecnologia também. Acredito que, cada vez mais, essas interseções entre as artes vão acontecer, e têm muito a ver com esse momento de explorar os encontros.

O Festival Amazônia Mapping se propõe a ocupar cidades urbanas de espaços da Amazônia, com videomapping, projeções, macroprojeções, arte e tecnologia no espaço urbano. E nesse momento pandêmico, adaptar um festival para o formato online tem os seus desafios. Pensamos o projeto, justamente, sob o ponto de vista da imersão. Pensamos a criação de um ambiente imaginário, imersivo, todo construído em 3D, que traz uma Amazônia, com toda essa multiplicidade da cidade, da floresta, todos esses elementos que compõem essa paisagem. As apresentações artísticas vão acontecer dentro desse ambiente. Na verdade, elas são filmadas fora do ambiente virtual 3D, e, depois, são inseridas dentro desse ambiente. Uma forma de criar uma relação entre realidades. Esse ano, o Festival tem como tema “Realidades expandidas”, que é, justamente, para falar dessa nossa condição em relação a esse momento em que a gente vive, e que a nossa presença física é impossibilitada, devido a todo esse contexto. E essa impossibilidade da presença física nos abre uma janela para conexões a partir da internet, a partir desse mundo online. Isso também nos abre possibilidades riquíssimas de interação e de exploração de algo que, talvez, a gente tivesse

deixando num lugar pouco padronizado. A gente sempre usou a internet para as mesmas funções e para as mesmas coisas. Acho que agora temos a oportunidade de reinventar esse espaço também a partir da arte e das nossas relações dentro desse ambiente. Então, o Festival se propõe a reinventar esse lugar, a criar um ambiente de imersividade, onde a arte se conecta com as pessoas, onde as pessoas são inseridas dentro daquele ambiente, os artistas, os seus discursos, e a gente cria ali um lugar que, de alguma forma, está flutuando dentro do nosso imaginário, e construindo todas essas relações.

O Festival M.A.N.A. surgiu com a intenção de debater o protagonismo de mulheres artistas nesse mercado musical, especialmente, interagindo com as artes visuais, com o audiovisual, com artemídia, com performance e com a parte técnica também. A ideia do Festival é capacitar, trazer uma etapa só de oficinas, não tão comuns para as mulheres, infelizmente, desde muito tempo. A gente traz para questionar o lugar de fala de mulheres técnicas, mulheres diretoras, mulheres fotógrafas de videoclipes, instrumentistas, produtoras musicais. E, além dessa etapa de formação, que é super importante, o Festival tem, também, as apresentações artísticas, que são *pocket shows* de mulheres, de bandas de mulheres, de cantoras, de projetos novos, inéditos, projetos que surgiram no Festival M.A.N.A., como a Banda Guitarrada das Manas, um duo paraense que toca música instrumental de altíssima qualidade - temos o maior orgulho em falar que surgiu na primeira edição do M.A.N.A.. Acho que o Festival vai para além de muita programação. Também tem uma intenção de debater, aprofundar e expandir, para além daquelas datas de programação, muitos outros debates durante um ano inteiro. E a ideia, esse ano, é criar o Estúdio M.A.N.A., em Belém do Pará, que vai receber, com todos os cuidados necessários e medidas de saúde, os duos, bandas, artistas solo. Vamos transmitir, através de plataformas online, e o objetivo é se conectar, não só com o Pará, com a Amazônia, que é super importante, mas, também, com o Brasil e com o mundo inteiro. Porque a virtualidade de um Festival amplia esse alcance, e isso é muito interessante para um Festival que é inteiramente gratuito, que já nasceu com esse objetivo de dialogar com as mulheres. Acho que é um momento bem importante, a gente ter essas mesas de debate, onde vamos conseguir nos conectar com mulheres do planeta inteiro, através de conversas, bate-papos. É um momento, realmente, de interação e fortalecimento.

Acredito que as projeções que acontecem no espaço urbano, e que têm sido uma constante nesse momento em que a gente está vivendo esse isolamento, essa necessidade de ficar mais em casa, provocam uma espécie de percepção diferenciada do espaço urbano, do espaço da cidade. Elas transformam o nosso imaginário, em relação a essa paisagem que a gente vê todos os dias, e que, a partir do momento em que as projeções são realizadas ali, a gente começa a ter uma outra possibilidade de percepção desses espaços. A imagem, essa condição invisível, cinemática, das imagens sobre a arquitetura das cidades, também são

formas da gente revisitar a própria história da cidade. A partir dos conteúdos que são projetados ali, temos condições de contar novas histórias, de criar outras camadas para a compreensão dessa realidade, dessa cidade, dessa paisagem urbana, dessa paisagem que é composta pelos seus elementos sociais também. Então, eu acredito muito na potencialidade, na potência da arte que vai para o ambiente urbano a partir das projeções, e dessas projeções como formas da gente reconfigurar a nossa compreensão disso tudo.

Acho que num futuro próximo, esse formato híbrido de eventos online, presenciais, vão ser aderidos em massa por muitos festivais. E isso tem a ver com a experiência desse ano de 2020, que a gente precisou transformar os eventos para esse lado totalmente virtual. Acabou que isso fez com que a gente “evoluisse” nessa pesquisa da tecnologia, da relação da presença com a tecnologia, da realidade com uma outra realidade que era impossível antes, e que agora é super possível, a realidade virtual, a realidade aumentada cada vez mais presente na nossa vida. Acho que isso vai ser o “novo normal”, e espero que a gente aproveite isso, não para estar distante fisicamente, e, sim, para expandir as sensações que a gente pode ter dentro de um Festival. Ao mesmo tempo que vai acontecer presencial, mas, também, vão ter etapas virtuais. É o momento da gente pensar no quanto a tecnologia pode nos aproximar, e não nos distanciar.